

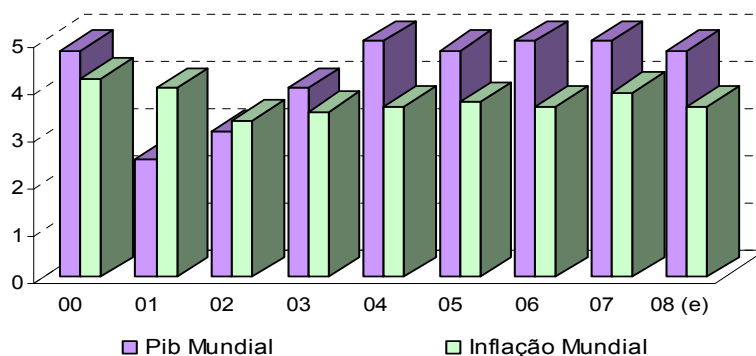
Ambiente Econômico

Telma Monreal Cano – DNPM/DF – Tel.: (61) 3312-6747. E-mail: telma.cano@dnpm.gov.br

I - Ambiente Econômico Internacional

A expansão da economia mundial está arrefecendo diante da crise financeira, desde o início da tensão provocada no final do primeiro semestre de 2007, quando ficou nítida a reversão do momento favorável no mercado imobiliário dos Estados Unidos (crise *subprime*). Por conseguinte, a estimativa divulgada pelo FMI em outubro de 2007, para o crescimento mundial em 2008, foi reavaliada e reduziu de 4,9% para 4,1%.

Taxa (%) acumulada de crescimento em relação ao ano anterior:
Produto interno bruto e inflação



Fonte: Fundo Monetário Internacional

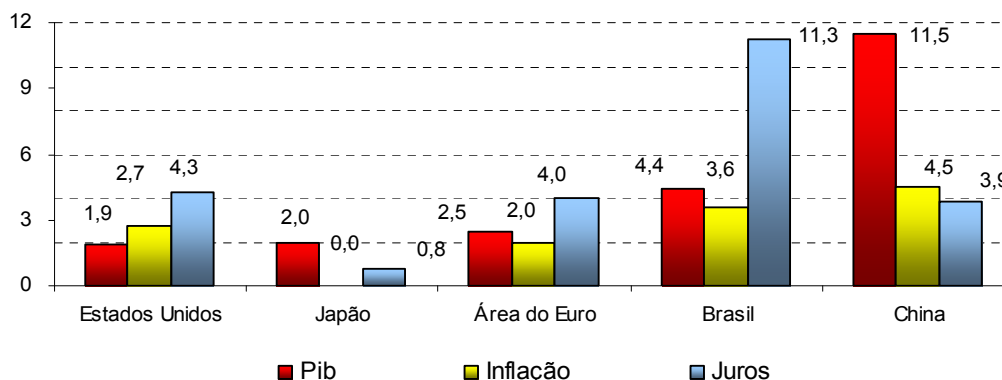
A economia dos Estados Unidos sofreu com impacto gerado pelo enfraquecimento dos setores imobiliário e manufatureiro, além do desemprego e da diminuição do consumo, por isso a projeção para o crescimento em 2008 deverá ser menor em relação àquela publicada em outubro de 2007 (1,9% para 1,5%). No entanto, o crescimento em 2007 foi maior que o previsto (1,9% para 2,2%), por causa da expansão verificada nos últimos meses do ano, motivada pela significativa demanda interna (emprego e renda) e o comércio exterior (depreciação do dólar e queda das importações).

Na Europa, a desaceleração do crescimento resultou em uma redução da elevação do PIB entre 2007 e 2006 ante 2006 e 2005 (de 2,8% para 2,5%). A projeção para o crescimento da economia do Japão em 2008 é imprecisa por causa da diminuição do anseio entre consumidores e empresários, assim a estimativa de crescimento do FMI para 2008 é menor do que aquela calculada em 2007 (2% para 1,7%).

Mesmo com a redução das exportações, os mercados emergentes continuaram em expansão durante o ano de 2007, não apenas em função da demanda doméstica, mas também por causa dos resultados obtidos com a disciplina de suas políticas econômicas, além dos benefícios decorrentes dos elevados preços das *commodities* relativas à alimentação e energia. Na comparação entre o primeiro e o segundo semestre de 2007, o preço do petróleo sofreu elevação de 32,5% e os alimentos de 15,5%. Apesar disso, o risco de redução da demanda interna das economias desenvolvidas poderá gerar excedentes nos mercados emergentes, por isso, a previsão de crescimento desses países também reduziu de 7,8% para 6,9%.

A pressão inflacionária observada no final do ano causou preocupação entre agentes econômicos, por isso a cautela na condução da política econômica praticada pelos Bancos Centrais das principais economias do mundo, bem como atenção quanto ao comportamento da política monetária dos países emergentes, cuja participação no consumo mundial de alimentos e energia tende a se elevar.

Taxa (%) acumulada de crescimento em relação ao ano anterior:
Inflação, Juros e PIB - Variação % 2006/2007

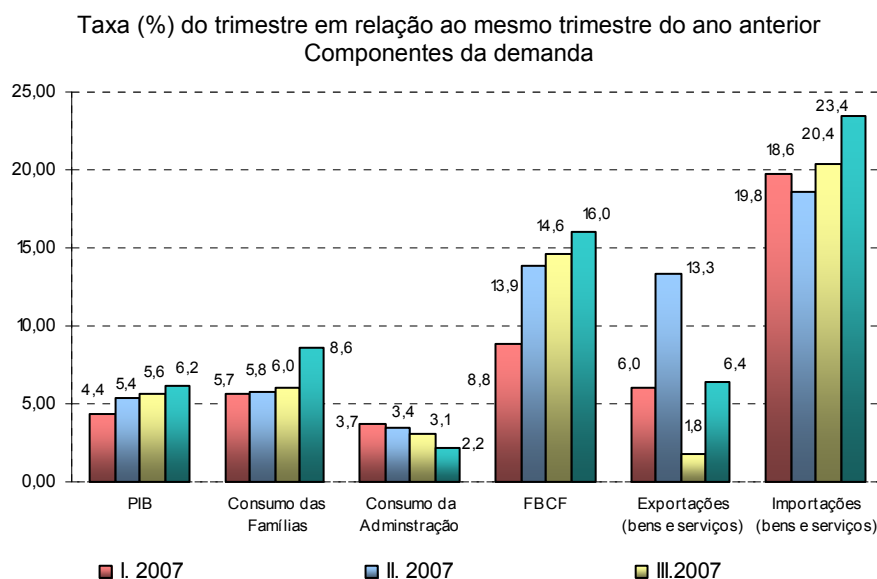


Fonte: FMI, WEO October 2007; Fed; BCE; Boj e Banco do Povo da China.

II - Ambiente Econômico Nacional

Conforme divulgado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) os três setores produtivos da economia obtiveram taxas de crescimento positivas em 2007: agropecuária (+5,3% a.a.), indústria (+4,39% a.a.) e serviços (+4,7% a.a.).

O PIB (Produto Interno Bruto) a preços de mercado acumulou valores crescentes em todos os trimestres de 2007 em relação ao mesmo período do ano anterior (4,4%; 4,9%; 5,1%; 5,4%), como um reflexo do ótimo desempenho da economia brasileira neste período.



Fonte: IBGE (Contas Nacionais Trimestrais).

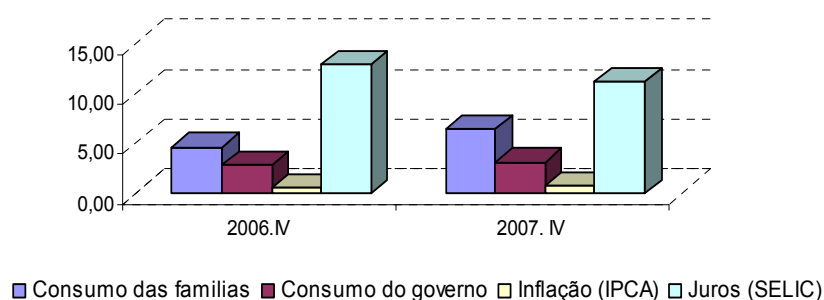
O gráfico ilustra incrementos durante o ano em todas as variáveis que integram o PIB, mas o consumo das famílias foi a variável propulsora do dinamismo da economia brasileira. Neste sentido a conduta expansionista, explicada pelo aumento da massa salarial real de 3,6% entre 2006 e 2007, pela ampliação do saldo das operações de crédito de 28,8% no mesmo período e pela redução da taxa de juros (13% a.a. em janeiro de 2007 para 11,25% a.a. em dezembro do mesmo ano) garantiu maior poder de compra aos indivíduos e estimulou o investimento interno, que alcançou a elevação de 13,4% a.a. (FBCF), a maior desde 1995, quando foi iniciada a série histórica pelo IBGE.

Nas transações com o mercado externo, o Brasil aproveitou o momento de elevação dos preços das *commodities* - agrícolas e minerais - e exportou 6,6% a mais que o ano anterior. As importações também cresceram 20,7% no mesmo período, principalmente máquinas, equipamentos e energia, demonstrando que o país prepara a economia para atender uma demanda interna mais fortalecida nos próximos anos.

O aumento dos impostos líquidos sobre os produtos de 9,1% em relação ao ano anterior evidenciou a expansão da produção, da importação de bens e serviços, mão de obra formal, entre outros. A redução do consumo da administração pública de 3,7% para 3,1% entre o primeiro e o segundo semestre de 2007 ante 2006 contribuiu para o crescimento do país no curto prazo, mas o risco assumido com a redução do investimento em educação e saúde (+ 3,7% em 2006 frente a 2005 e + 0,9% em 2007 ante 2006) poderá comprometer o desenvolvimento sustentado no longo prazo.

De qualquer forma, o Brasil atingiu em 2007 o maior superávit primário (economia para pagamento de juros da dívida) desde 1991, quando o Banco Central começou a série. A redução da dívida líquida melhora a classificação de risco-país atraindo o investimento estrangeiro. Apesar da inflação mundial - energia e alimentos - foi possível cumprir a meta de inflação estabelecida de 4,5% a.a. O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) acumulou no final do ano 4,46%, ou seja abaixo da meta.

Taxa (%) acumulada de crescimento em relação ao ano anterior: Consumo, inflação e juros no Brasil



Fonte: IBGE e Banco Central do Brasil.

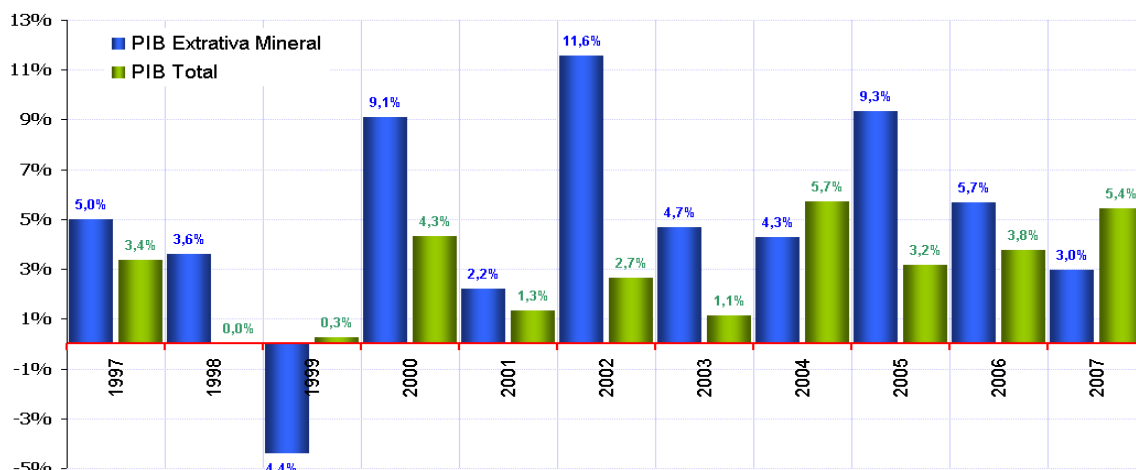
Desempenho da Economia Mineral Brasileira

Vanessa Rodrigues dos Santos Cardoso - DNPM/Sede - Tel.: (61) 3312-6839 - E-mail: vanessa.cardoso@dnpm.gov.br

I - Indústria Extrativa Mineral

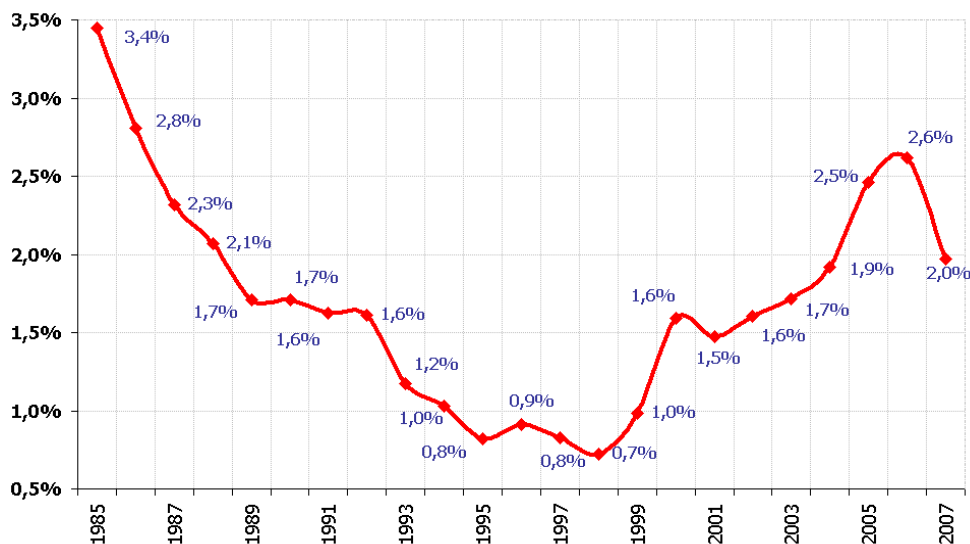
A manutenção da demanda interna aquecida principalmente pelo aumento do consumo das famílias sustentado pelo crescimento da renda, do emprego e do crédito, bem como dos níveis de investimento e do setor de transformação pelo lado da oferta foram os fundamentos favoráveis para o crescimento de 10,7% da extração de minério de ferro de acordo com as contas nacionais divulgadas pelo IBGE. Como relevante contraponto, o fraco desempenho da extração de petróleo e gás (0,8%) no período, em virtude de sua ponderação no cálculo do PIB da indústria extrativa mineral (60%) fez com que este PIB obtivesse variação de 3% em 2007, ante 5,7% em 2006, aquém do PIB total do país, cuja variação foi de 5,4% em 2007 e da indústria, que cresceu 4,9%. Assim, o valor adicionado do PIB da indústria extrativa mineral chegou a R\$ 43.192 milhões e sua participação no PIB total do país que vinha crescendo desde 2001, recuou de 2,6% em 2006 para 2% em 2007.

PIB - indústria - extrativa mineral - valor adicionado a preços básicos
- variação real anual - (% a.a.)



Fonte: IBGE/SCN 2000 Anual

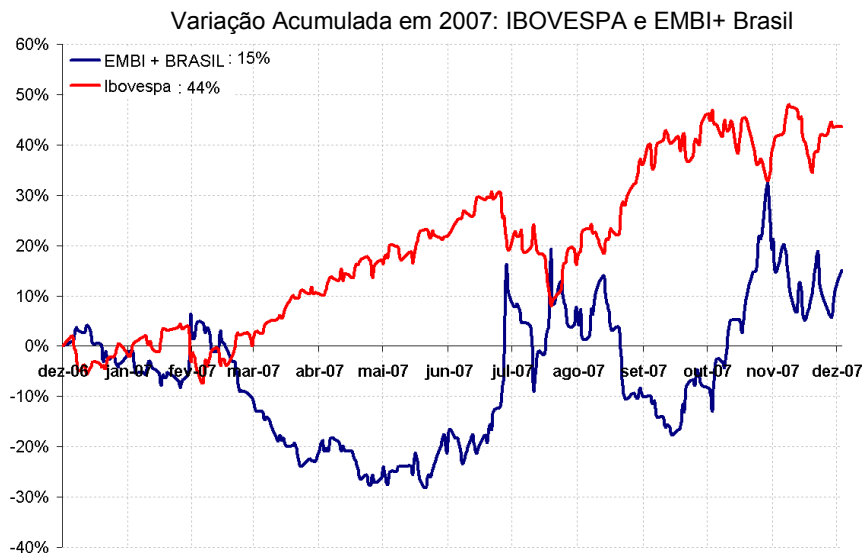
PIB - indústria - extrativa mineral - valor adicionado - preços básicos - (% PIB)



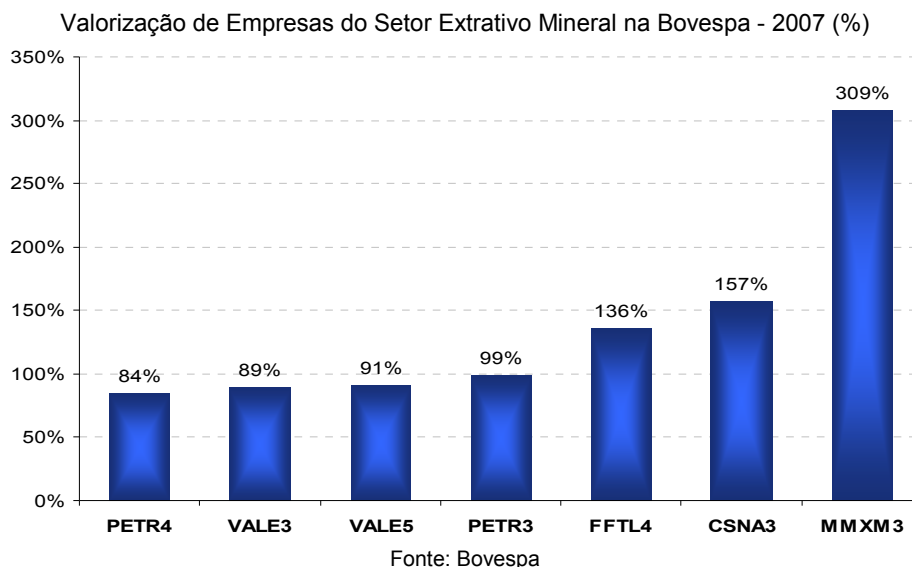
Fonte: IBGE/SCN 2000 Anual

II - Valorização da empresas na Bolsa de Valores

No ano de 2007 a volatilidade do índice Ibovespa e do EMBI + Brasil se mostrou mais forte em dois momentos: meados de julho e início de novembro, refletindo as incertezas do mercado quanto à extensão e à gravidade das possíveis perdas provocadas pelo mercado de crédito *subprime* dos Estados Unidos e suas possíveis consequências naquela economia e no mundo. Ainda que neste cenário, o Índice Ibovespa fechou o ano em alta de 43,6%, acima dos 12% de retorno das aplicações de renda fixa, atingindo 63.886 pontos no último pregão, favorecido pela ainda excessiva liquidez e pelas baixas taxas de juros dos principais mercados internacionais. No mesmo período, o índice Dow Jones da Bolsa de Nova York foi valorizado em 6,4%. Mais impactado pela crise, o EMBI + Brasil, embora tenha atingido seu nível mais baixo em 18 de junho de 2007 (138 pontos), fechou o ano em alta de 15% (221 pontos). A maior pontuação deste índice foi alcançada em 27 de setembro de 2002: 2.436 pontos.



O desempenho positivo do Ibovespa refletiu em boa parte a valorização das ações das empresas ligadas à indústria extrativa mineral, especialmente Vale e Petrobrás que juntas representam 31% do índice. Com performance superior ao índice, a expressiva rentabilidade dessas empresas demonstra o cenário favorável de manutenção e crescimento da demanda por minerais, apesar da ameaça de arrefecimento da economia americana.



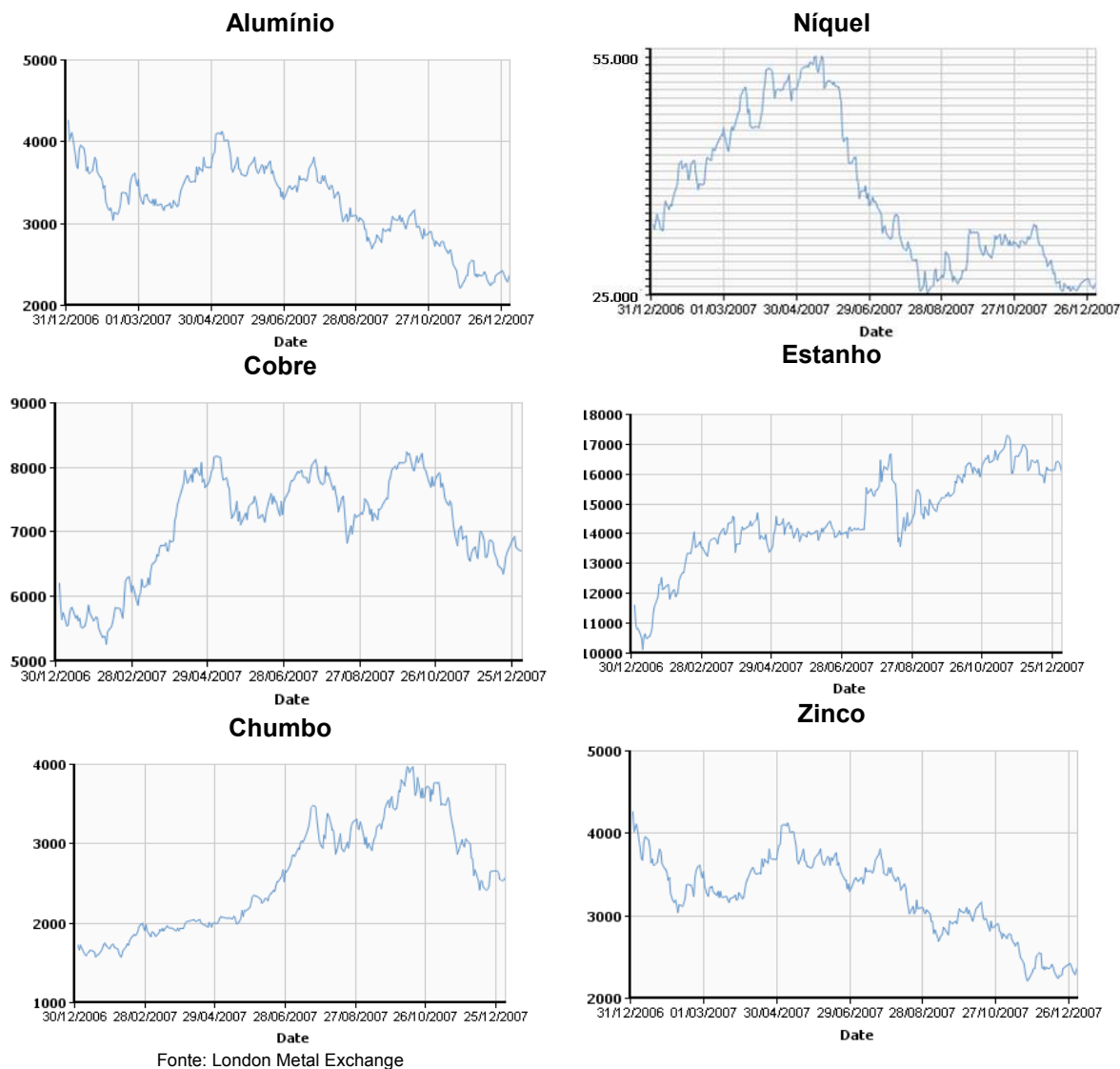
III - Preço dos Metais Não ferrosos

O ano de 2007 foi marcado por forte volatilidade nos preços dos metais na Bolsa de Metais de Londres - LME, como reflexo principalmente da crise imobiliária norte-americana e do desempenho do setor de construção civil daquele país, além dos anúncios das perdas sofridas por grandes bancos investidores deste segmento, mas também informações de novas adições de capacidade de produção de alguns destes bens. Assim, analisando-se os preços médios mensais, a tonelada do alumínio fechou o ano com queda de 15%, a US\$ 2.381. O cobre fechou a US\$ 6.585, desvalorizado em 1,3%; o chumbo a US\$ 2.595, alta de 51%; estanho a US\$ 16.241, o que significa 45,8% a mais sobre último pregão de 2006; e o zinco encerrou o ano em US\$ 2.352, queda de 47% em relação ao ano anterior. Mudanças no critério de negociação do níquel pela LME afetaram o desempenho dos preços e dos estoques do metal, cujo preço chegou a US\$ 51.800 em maio e fechou o ano em baixa de 24,8%, cotado a US\$ 25.966.

Metais	Cotação Média (US\$)			Estoques Médios (t)		
	dez/06	dez/07	Δ%	dez/06	dez/07	Δ%
Alumínio	2.813	2.381	-15,4%	699.325	929.450	32,9%
Cobre	6.671	6.585	-1,3%	182.800	198.925	8,8%
Chumbo	1.723	2.595	50,6%	41.125	45.350	10,3%
Níquel	34.548	25.966	-24,8%	6.648	47.940	621,1%
Estanho	11.140	16.241	45,8%	12.970	12.150	-6,3%
Zinco	4.404	2.352	-46,6%	88.450	88.475	0,0%

Fonte: London Metal Exchange - LME

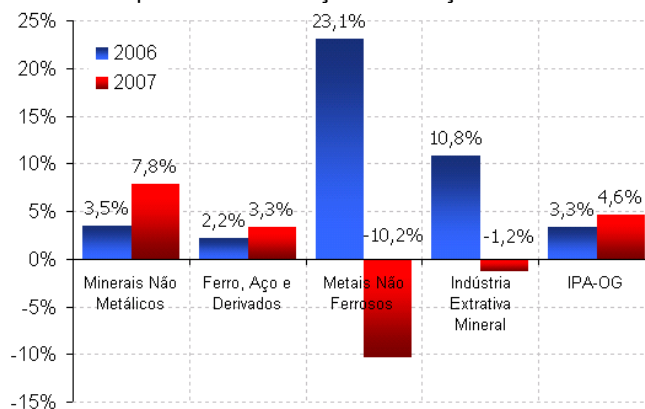
Comportamento dos preços dos metais na Bolsa de Metais de Londres - 2007



IV - Índice de Preços por Atacado

O Índice de Preços por Atacado – Oferta Global (IPA - OG) acelerou 9,4% em 2007, acima dos 4,3% verificados em 2006, influenciado mais pela alta dos preços agrícolas do que dos preços dos produtos industriais que subiram 4,4%, mesmo com a queda de 1,2% dos preços da Indústria Extrativa Mineral. Dentro da Indústria de Transformação, os minerais não metálicos ficaram 7,8% mais caros. Já os produtos metalúrgicos de ferro, aço e derivados subiram 3,3%, enquanto os minerais não ferrosos recuaram 10,2% (ante a alta de 23,1% no ano anterior). O IPA, juntamente com o IPC (Índice de Preços ao Consumidor) e o INCC (Índice Nacional de Custo da Construção) compõem o IGP (Índice Geral de Preços), que é geralmente utilizado como referencial de inflação nos reajustes de contratos bem como de tarifas públicas.

IPA e Componentes - Variação em relação ao ano anterior



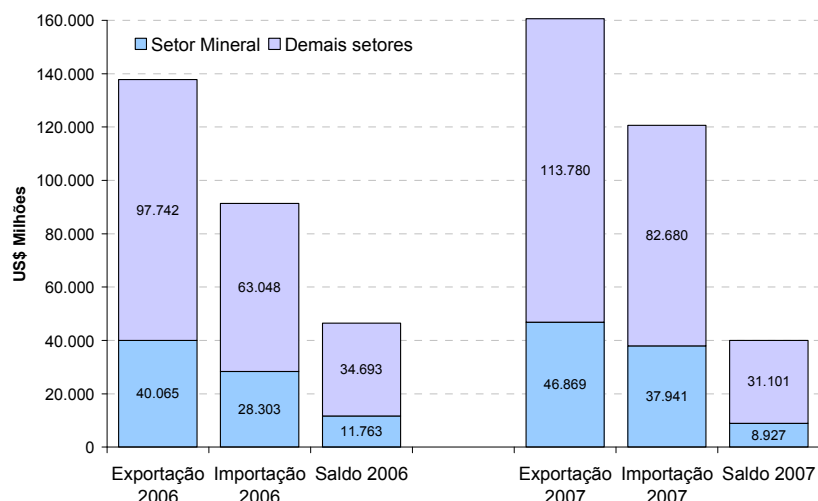
Fonte: Conjuntura Econômica (FGV) apud in Ipeadata

Desde janeiro de 2008, o cálculo do IPA feito pelo Instituto de Economia da fundação Getúlio Vargas (IBRE/FGV) passou a considerar uma nova relação de produtos novas ponderações na qual, a indústria extrativa mineral passou a ter um peso de 2,83% (anterior: 2,32%), sendo que os treze itens pesquisados foram mantidos. Cabe destacar que no cálculo do IPA são utilizados dados estatísticos da produção mineral elaborados pelo DNPM.

V - Comércio Exterior

Em 2007 o comércio exterior brasileiro apresentou superávit de US\$ 40 bilhões, como resultado dos recordes históricos verificados tanto nas exportações quanto nas importações que cresceram, respectivamente, 16,6% e 32% em relação a 2006. As exportações atingiram o valor de US\$ 160.649 milhões e as importações, US\$ 120.621 milhões. Como consequência do maior crescimento destas em relação àquelas, o fluxo de comércio obteve crescimento de 23%, enquanto que o saldo comercial recuou em 14% em comparação com 2006. A indústria extrativa mineral, incluindo os energéticos representou 29% das exportações e 31% das importações em 2007 assim como em 2006. O crescimento das aquisições externas em ritmo maior que o desempenho das vendas para o exterior provocou a redução do saldo comercial

Comércio Exterior: Setor Mineral e Demais Setores – 2006 e 2007



Fonte: MDIC/SECEX

Importações

As importações brasileiras de produtos do setor mineral em 2007 foram compostas principalmente de bens primários (45%) e de manufaturados (33%). Porém, de todo o que foi importado neste setor, 63% eram energéticos, sendo que o petróleo foi responsável por 32% e dispêndios de US\$ 11.976 milhões. Dentre os minerais metálicos destacam-se as compras de produtos manufaturados de ferro, com 1.569 mil toneladas equivalentes a US\$ 1.934 milhões. O potássio foi o bem primário não-metálico de maior representatividade nas importações, com 6.804 mil toneladas e US\$ 1.513 milhões. A rocha fosfática destacou-se dentre compostos químicos não-metálicos com aquisições de 5.283 mil toneladas (US\$ 1.818 milhões). Já entre os semimanufaturados, a maior importação ficou com os produtos metálicos de cobre com 221 mil toneladas e US\$ 1.655 milhões.

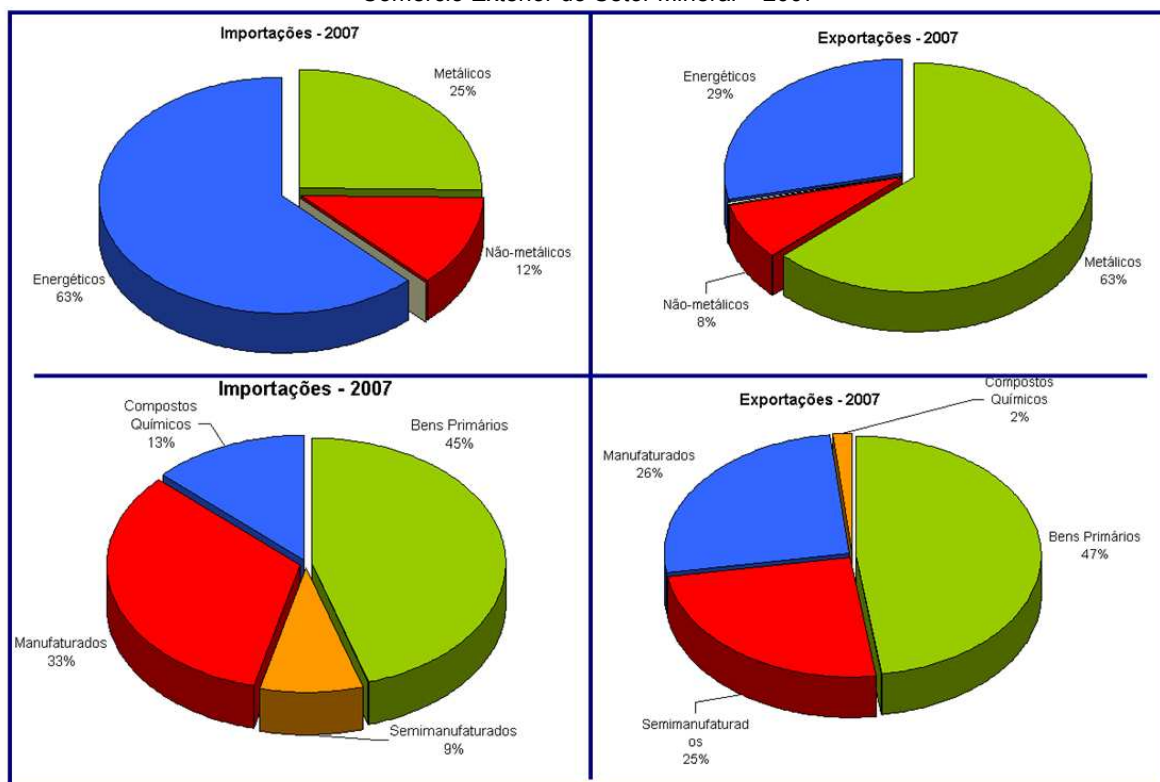
Os produtos importados vieram principalmente da Nigéria, cujos dispêndios somaram US\$ 5,3 bilhões (14% do total), dos Estados Unidos, com US\$ 3,2 bilhões (8,5%), Chile, com US\$ 2,8 bilhões (7,5%), Argélia (5,9%) e Argentina (5,7%). Considerando-se apenas os bens primários, verifica-se que, com exceção da Argentina, foram estes mesmos países os principais fornecedores ao Brasil, ou seja, Nigéria (29%), Argélia (10%), Arábia Saudita (9%) e Estados Unidos e Chile, ambos com cerca de 7%. A análise dos principais produtos primários da pauta de importações revela que o petróleo representou 100% dos produtos adquiridos da Nigéria, 99% das aquisições da Argélia e Arábia Saudita e 94% de tudo o que veio dos Estados Unidos. Já o cobre representou 84% das compras de produtos chilenos.

Exportações

Os produtos metálicos foram responsáveis por 63% das exportações minerais e somaram US\$ 25,8 bilhões, em seguida estão os produtos energéticos (29%) e os não metálicos (8%). A análise de outro tipo de classificação demonstra que os bens primários representaram 47% do total, enquanto os manufaturados, semimanufaturados e os compostos químicos participaram com 26%, 25% e 2%, nesta ordem. Dentre os minerais metálicos, o ferro foi maior destaque, com vendas de US\$ 19,2 bilhões (65%), assim como também foi a maior exportação de bens primários com US\$ 10,5 bilhões (47%), seguido pelo petróleo com US\$ 8,9 bilhões (40%).

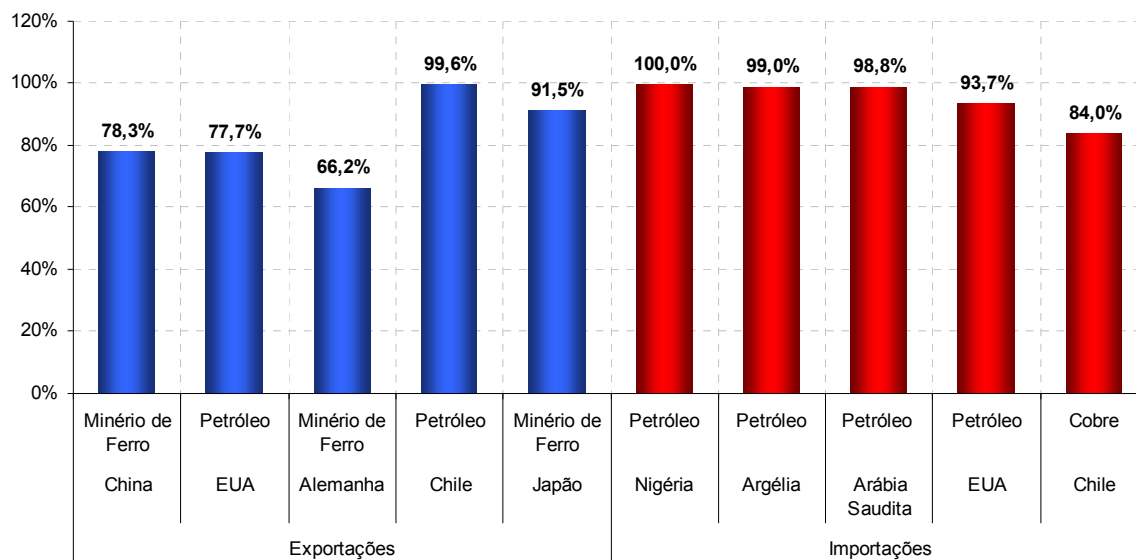
Os principais países de destino das exportações brasileiras foram Estados Unidos, com US\$ 9,3 bilhões (20% do total), China, com US\$ 5,3 bilhões (11%), Argentina, com US\$ 2,5 bilhões (5,4%), além de Japão e Alemanha, ambos com cerca de 5%. Em se tratando de bens primários, os países que mais demandaram produtos minerais brasileiros foram, nesta ordem, China (21%), Estados Unidos (18%), Alemanha, Chile e Japão com cerca de 6% cada um. Quanto aos principais bens primários exportados, verifica-se que o minério de ferro participou com 91,5%, 78% e 66% de tudo o que foi vendido para o Japão, China e Alemanha, respectivamente. O petróleo foi o principal produto enviado aos Estados Unidos e Chile, com 78% e 99,6% do total, respectivamente.

Comércio Exterior do Setor Mineral – 2007



Fonte: MDIC / SECEX

Principal produto da pauta de Exportação/Importação de Bens Primários dos Principais Países Importadores/Exportadores



Fonte: MDIC-SECEX/DNPM

Comércio Exterior do Setor Mineral – 2007

Discriminação	Importações				Exportações			
	Quantidade (10 ³ t)		Valor FOB (10 ⁶ US\$)		Quantidade (10 ³ t)		Valor FOB (10 ⁶ US\$)	
Tipo de Bem	2007	2007 / 2006 (%) Δ	2007	2007 / 2006 (%) Δ	2007	2007 / 2006 (%) Δ	2007	2007 / 2006 (%) Δ
Total	93.299	16,9%	38.329	31,6%	342.402	9,0%	46.869	17,0%
Metálicos	4.426	-7,2%	9.716	23,2%	299.306	9,4%	29.548	14,5%
Não-metálicos	22.126	18,4%	4.763	48,2%	11.263	-0,3%	3.777	9,1%
Gemas e Diamantes	1	13,8%	15	28,7%	22	-6,4%	156	20,3%
Energéticos	66.746	18,4%	23.836	32,3%	31.810	8,7%	13.388	25,4%
Bens Primários	53.109	16,2%	17.371	27,7%	304.852	11,1%	22.331	24,6%
Semimanufaturados	940	-36,2%	3.280	26,4%	16.512	-2,7%	11.643	18,5%
Manufaturados	23.781	11,3%	12.647	34,6%	19.666	-8,7%	12.135	3,7%
Compostos Químicos	15.469	37,3%	5.032	42,3%	1.371	-2,5%	760	22,5%
Bens Primários								
Total	53.109	16,2%	17.371	27,7%	304.852	11,1%	22.331	24,6%
Metálicos	1.316	42,2%	1.633	7,0%	277.439	11,2%	12.079	23,3%
Não-metálicos	11.693	8,2%	1.914	54,9%	5.424	-1,2%	1.288	9,4%
Gemas e Diamantes	1	19,4%	10	22,0%	13	-7,3%	57	18,2%
Energéticos	40.100	18,1%	13.815	27,5%	21.976	14,5%	8.906	29,2%
Semimanufaturados								
Total	940	-36,2%	3.280	26,4%	16.512	-2,7%	11.643	18,5%
Metálicos	918	-36,9%	3.262	26,3%	16.242	-2,7%	11.470	18,7%
Não-metálicos	22	25,9%	17	63,5%	270	1,2%	172	9,6%
Energéticos	0	-95,0%	0	-76,2%	0	-100,0%	0	-99,1%
Manufaturados								
Total	23.781	11,3%	12.647	34,6%	19.666	-8,7%	12.135	3,7%
Metálicos	1.771	-15,3%	3.188	41,7%	5.526	-22,9%	5.801	-6,1%
Não-metálicos	1.165	41,4%	918	25,4%	4.412	-0,2%	1.804	5,1%
Gemas e Diamantes	0	-0,7%	5	43,1%	10	-5,3%	99	21,6%
Energéticos	20.844	13,0%	8.536	33,2%	9.719	-2,3%	4.432	18,9%
Compostos Químicos								
Total	15.469	37,3%	5.032	42,3%	1.371	-2,5%	760	22,5%
Metálicos	420	43,3%	1.633	7,0%	99	-34,5%	197	21,7%
Não-metálicos	9.246	31,5%	1.914	54,9%	1.157	3,1%	512	25,0%
Energéticos	5.802	47,1%	1.485	92,1%	115	-13,0%	50	3,5%

Fonte: MDIC-SECEX/DNPM